



MEMÓRIA E GERAÇÃO EM BELCHIOR

Cláudio Eduardo Félix dos Santos¹

INTRODUÇÃO

O objetivo desta comunicação é discutir de que modo as categorias memória e geração se expressam na obra de Belchior, especificamente em canções que integram o álbum *Alucinação*, lançado em 1976.

Este resumo é um excerto da pesquisa matricial que se debruça sobre a memória e história das ideias e experiências não-dominantes no campo da educação e da cultura no Brasil.

METODOLOGIA

“o materialismo é um dos fundamentos da música de Belchior. Seus grandes inimigos são os escapistas, os fugidios, aqueles que diante das crenças metafísicas falam de uma verdade reconciliada, feliz” (SATORELLI, 2016). De fato, essa caracterização do pensamento de Belchior é perceptível em muitas de suas canções e entrevistas. Na canção *Alucinação* esse aspecto é bem marcante:

Eu não estou interessado em nenhuma teoria /em nenhuma fantasia /
nem no algo mais./ nem em tinta pro meu rosto / oba oba, ou melodia/
para acompanhar bocejos / sonhos matinais / eu não estou interessado
em nenhuma teoria / nem nas coisas do oriente / romances astrais / a
minha alucinação é suportar o dia-a-dia / e meu delírio é experiência com
coisas reais. (BELCHIOR, 1976 a)

¹ Doutor em Educação (UFBA). Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia: Departamento de Filosofia e Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Pesquisador do Museu Pedagógico Padre Palmeira (UESB) no qual coordena o Grupo de Pesquisa: Estudos Histórico-Críticos em Educação (GPEHC). Membro do Grupo de Pesquisa Estudos Marxistas em Educação. Endereço eletrônico: cefelix2@gmail.com



O materialismo histórico é uma perspectiva de análise, interpretação e tradução da realidade visando a apreender o movimento do real para buscar a maior fidedignidade ao objeto estudado. Neste sentido busco me aproximar da obra de Belchior tentando captar a obra e depoimentos do mesmo a relação entre memória e geração como elementos da crítica social e da estética deste artista.

Na pesquisa em desenvolvimento tomo como fontes de pesquisa os discos gravados nos anos 1970 e 2008, entrevistas concedidas por ele a programas de televisão e artigos em revistas e blogs produzidas sobre o mesmo. Neste texto em particular a referência são canções do disco “Alucinação”.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste resumo, para expor a relação entre memória e geração, escolhi o Disco “Alucinação” que foi lançado em 1976. Com 41 anos de história esse LP é um trabalho tão marcante que muitas das canções ali gravadas² acompanham a carreira do autor e de várias gerações até os dias de hoje, o que faz de Belchior uma referência no meio musical e um clássico contemporâneo.³

O professor Pasquale Cipro Neto ao entrevistar Belchior no ano de 1999 apresentou o referido compositor da seguinte forma: “(...) você fez a minha cabeça quando explodiu na década de 1970 com aquelas obras primas. Cruz credo, ave Maria! **Nossa geração** deve muito a você, a essa capacidade de entender todo esse flash back do Brasil, da cultura... de trás para a frente” (NOSSA LÍNGUA PORTUGUESA).

Pela forma e conteúdo que o apresentador se refere ao convidado, trata-se de um elogio e reconhecimento a um artista que conseguiu expressar os conflitos, os anseios, os dramas da juventude pertencente a uma determinada geração.

De acordo com Magalhães (1999), uma das mais sutis expressões de mudanças e diferenças sociais são as decorrentes das relações entre as gerações. A referida autora observa que geralmente a sociedade não questiona o forte reflexo que estas diferenciações provocam sobre o curso da vida das pessoas, de como a idade é um mecanismo fundamental que determina a maioridade civil, o início da vida escolar, a entrada no mercado de

2 Estão neste álbum as canções: Apenas um rapaz Latino Americano, Velha roupa colorida, Como nossos pais, Alucinação, A palo seco, fotografia 3x4.

3 Um exemplo para ilustrar essa afirmação foi gravação das músicas do disco “Alucinação” - por meio do projeto “ainda somos os mesmos” - com versões de jovens músicos brasileiro no ano de 2016 tendo por produtor Jorge Wagner.



trabalho, etc.

Geração está associada a pertencimento e o que a define são as similaridades temporais ou as diferenças temporais vinculadas coetaneamente o que faz com que em um dado período de tempo os integrantes de uma geração vivenciem as similaridades da cultura, transformando-a ou conservando-a. (idem).

Uma geração, de certo, produz e reproduz suas memórias marcada pelas condições materiais de produção da existência que se desdobram nas subjetividades e individualidades. Neste universo, a memória é produzida baseada nas experiências, nas lembranças, nas visões de mundo tendo na história – entendida como produção social da vida no tempo - o terreno material, saturado de contradições e lutas que dão base para a construção da imagem por evocação daquilo foi atentado, sentido e percebido pelo indivíduo ou pelo grupo social ao qual pertence.

Segundo Luria (1991, p. 39) a memória enquanto “o registro, a conservação e a reprodução dos vestígios da experiência anterior” dá aos seres humanos a capacidade de “acumular informações e operar com os vestígios da experiência anterior após o desaparecimento dos fenômenos que provocaram tais vestígios”.

A memória, enquanto função psíquica e fenômeno histórico-social, é profundamente marcada pelos aspectos afetivo e cognitivo. Se por um lado ela se configura como dispositivo de acesso aos vestígios da experiência anterior que possibilita desenvolver o conhecimento objetivo do mundo; por outro, quando falamos das experiências sociais e culturais, a carga de emoção que afeta a experiência de quem vive pessoalmente ou teve contato com a experiência pela interpretação de outros, deixa marcada na “parede da memória” lembranças que machucam, que confortam, que impulsionam ou estancam atitudes e sentimentos individuais e coletivos. Na arte e no artista isso é algo bastante presente.

Ouvir Belchior, percorrendo a trajetória de sua obra, lendo suas letras e tocando suas melodias me levaram a formular a seguinte proposição: Belchior é um dos compositores da música brasileira que melhor conseguiu e consegue expressar os dramas de uma geração de jovens e da própria classe trabalhadora mesclando muitas experiências e lembranças pessoais guardadas na “parede” da sua memória - e da de parcelas de jovens da década de 1970 - captando e traduzindo em forma de poesia-cantada a subjetividade das relações sociais enredadas no interior de um modo desumanizador de produção da vida.

O compositor elabora a sua arte mediada por uma visão crítica de mundo que se expressa, como canta Belchior (1976 b), num “canto torto (que) como faca corta a carne de vocês”. Essa perspectiva se explicita, por exemplo, neste depoimento:



O que vejo no mundo não posso gostar por ser uma pessoa atenta, uma pessoa consciente e uma pessoa com uma sensibilidade mais a flor da pele. Eu tenho uma dificuldade muito grande de reconhecer no mundo como o de hoje um lugar adaptado, adequado para que o homem, principalmente o homem comum, possa desenvolver suas qualidades, sua sensibilidade, as suas possibilidades (BELCHIOR, 1983).

Essa afirmação acompanha a percepção clara tanto da natureza da alienação, quanto do momento sócio-histórico que o Brasil vivenciava em meados da década de 1970.⁴

Minha hipótese de trabalho é que Belchior utiliza as “memórias comuns” como uma de suas marcas e recursos para criticar as relações alienadas e alienantes do mundo e se aproximar do público por meio de sua arte. A noção de memórias comuns é típica do período da massificação da comunicação, que no Brasil tem na década de 1970 um forte impulso. Segundo Sá (2007, p. 293), essas memórias são como “coleções de muitas memórias pessoais acerca de um objeto, construídas independentemente uma das outras”. Por força da vivência, em um mesmo tempo, pessoas diferentes, que não fazem parte de um mesmo grupo, classe, etnia são expostas aos fatos e deles guardariam aproximadamente as mesmas lembranças. Os meios de comunicação de massa têm tido um importante e decisivo papel na homogeneização das memórias e na criação de memórias comuns.

Acredito que a canção “Como nossos pais” é uma expressão dessas memórias comuns. Segundo Belchior essa música surgiu da vontade explícita, direta, e mesmo amarga de desenvolver uma reflexão sobre a condição sempre mutante do jovem **na era da comunicação** e com todo o comprometimento político que essa mudança acarreta. (BELCHIOR, 1983).

A referida composição ultrapassa a mera narrativa do conflito de gerações (intergeracional) provocando o próprio conflito intrageracional e individual do jovem que vive num mundo cada vez mais esvaziado. Neste sentido ele provoca: “Já faz tempo eu vi você na rua / cabelo ao vento, gente jovem reunida”. E na sequência faz uma excepcional construção metafórica: “na parede da memória / essa lembrança é o quadro que dói mais”. (BELCHIOR, 1976 c). Interessante como ele trabalha com o conceito de memória para além da lembrança. A lembrança é um quadro, uma parte de um conjunto da memória comum de uma geração que, em algum momento lutou, mas que por algum motivo “está

4 A luta conta a ditadura, o processo de luta pela reabertura política, a crise econômica, a intensificação da migração de nordestinos e nortistas para o sudeste do país, o aumento da urbanização, o acesso e a luta pela escola pública, a arte; os primeiros movimentos de massa de reorganização da classe trabalhadora no âmbito sindical, popular e na política partidária.



em casa / guardada por Deus / contando seus metais”.

A parede da memória, onde estão expostas e guardadas as lembranças e inspirações do compositor se configura enquanto dispositivo de conhecimento do passado que não se esgota no próprio passado como um enquadramento. Apesar do amargor e da dureza das letras deste compositor, há centelhas de esperança, uma síntese positiva que Belchior expressa em versos como estes:

Você me pergunta pela minha paixão / Digo que estou encantado com
uma nova invenção / Eu vou ficar na cidade, não vou voltar pro sertão /
Pois vejo vir vindo no vento o cheiro da nova estação. / Eu sinto tudo na
ferida viva do meu coração. (...) / “Mas é você que ama o passado e que
não vê que o novo sempre vem”. (BELCHIOR, 1976 c).

Em outra canção do disco *Alucinação* há uma referência a experiência do compositor que se incorpora a parede da memória de uma geração (memórias comuns). Em *Fotografia 3x4* ele declama:

eu me lembro muito bem do dia em que eu cheguei/ jovem que desce do
norte pra cidade grande / Os pés cansados e feridos de andar légua tirana/
E lágrima nos olhos de ler o Pessoa e ver o verde da cana.”(BELCHIOR,
1976 d)

Esta música traz uma marca profunda em termos de experiência e memória comum de uma geração de jovens que migravam do Nordeste trazendo em sua forma um conteúdo intencional de identificação do autor com esses jovens:

a minha história é talvez igual a tua / jovem que veio do norte, que no sul
viveu na rua / e que andou desnorteado, como é comum no seu tempo
/ e que ficou desapontado, como é comum no seu tempo / e que ficou
apaixonado e violento como você / eu sou como você / eu sou como você
/ eu sou como você que me ouve agora. (idem)

CONCLUSÃO

A conclusão parcial é de que a obra de Belchior realiza uma construção estética da mais alta qualidade. Nessa investigação exploramos dois temas muito caros a esse autor: a geração e a memória as quais, a meu ver, se articulam à luta política do artista em seu



esforço por provocar reflexões contra a opressão do ser humano e seu esvaziamento em um mundo marcado pela alienação (desumanização). Um artista com notas dissonantes em relação ao senso comum da música comercial e mesmo daqueles que se reivindicam progressistas ou críticos. Não se trata de um compositor e cantor de canções de protesto ou meramente romântico, mas de um artista/artesão da música que exerce seu ofício lançando mão de letras profundas e melodias que produzem, de fato,“(…) uma arte viva. Uma arte que tente chegar até as pessoas. (...) uma arte que tenha categorias estéticas agressivas, fortes. Canções que entrem pelos nossos ouvidos. Palavras, formas que entrem pelos nossos olhos” (BELCHIOR, 1983).

Palavras-chave: Memória. Geração. Música. Belchior.

REFERÊNCIAS

BELCHIOR, Antônio Carlos Gomes. Alucinação. In: BELCHIOR. **Alucinação**. São Paulo: Polygram, 1976a.

_____. A Palo seco. In BELCHIOR. **Alucinação**. São Paulo: Polygram, 1976b.

_____. Como nossos pais. In: BELCHIOR. **Alucinação**. São Paulo: Polygram, 1976c

_____. Fotografia 3x4. In: BELCHIOR. **Alucinação**. São Paulo: Polygram, 1976d

_____. Entrevista. In: **Vox Populi**. São Paulo: Tv Cultura, 1983. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TO9bMJP8-rw>. Acesso em 10/10/2016.

NOSSA LINGUA PORTUGUESA. Apresentação Pasquale Cipro Neto. São Paulo: Tv Cultura, 1999.

LURIA, Alexander Romanovich. **Curso de Psicologia Geral: atenção e memória**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. (Volume 3).

MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. **A trajetória das gerações brasileiras nascidas entre 1926 e 1975; um estudo sociodemográfico**. 1999. 288f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Campinas. Programa de Pós-Graduação em Educação. Campinas, São



Paulo, 1999.

SÁ, Celso Pereira de. **Sobre o campo de estudo da memória social:** uma perspectiva psicossocial. Disponível em www.scielo.br/prc. Acesso em 02/02/2017.

SARTORELI, Alberto. **O belchior que a crítica vulgar não viu.** In: Pragmatismo Político. 23 de setembro de 2016. Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/09/belchior-critica-vulgar.html>. Acesso em 09/04/2017.